

PIM PA M PUM



Direcção de AUGUSTO DE SANTA-RITA

ANO XV

LISBOA, 4 DE ABRIL DE 1940

N.º 740

EM PLENA AFRICA AUSTRAL

Adaptação de G. B. — CONCLUSAO

(Continuado do numero anterior)

Com efeito, o enorme animal estava mortalmente ferido. Soltando gemidos, a respiração sufocada, caju de joelhos e assim morreu! Neste momento, «sir» John Murray apareceu, semi-nú, os cabelos revoltos, mas iluminando-lhe o rosto um alegre sorriso de caçador vitorioso.



De tempos a tempos, a caravana parava e os astrónomos procediam aos seus estudos, puxando pelas tábuas de logaritmos. Quando o tempo estava claro e nítido, trabalhavam durante todo o dia, pelo que estavam quasi concluídos, satisfatoriamente, os seus trabalhos.



Achavam-se os nossos homens todos reunidos, conversando animadamente, quando o coronel Everest exclamou: — «Torna-se indispensável, para conclusão dos nossos trabalhos geodésicos, subirmos à montanha. Mas...»

John Murray, entusiasmado pela ideia, atalhou: — «Pronto, coronel! A montanha é acessível, não é verdade?»

— «Acessível é — (interrompeu «sir»



William Emery) — mas muito bem guardada...»

— «Por indígenas?» — (inquiriu, vivamente interessado, «sir» John Murray).

— «Sim — (respondeu Emery). — Por indígenas de quatro patas e juba negra, que fizeram o seu quartel-general no único desfiladouro da montanha.»

«Sir» John Murray e o «bushman» sorriram de entusiasmo. O «bushman» conhecia admiravelmente o lugar e estava-lhe na massa do sangue o contacto com o perigo.

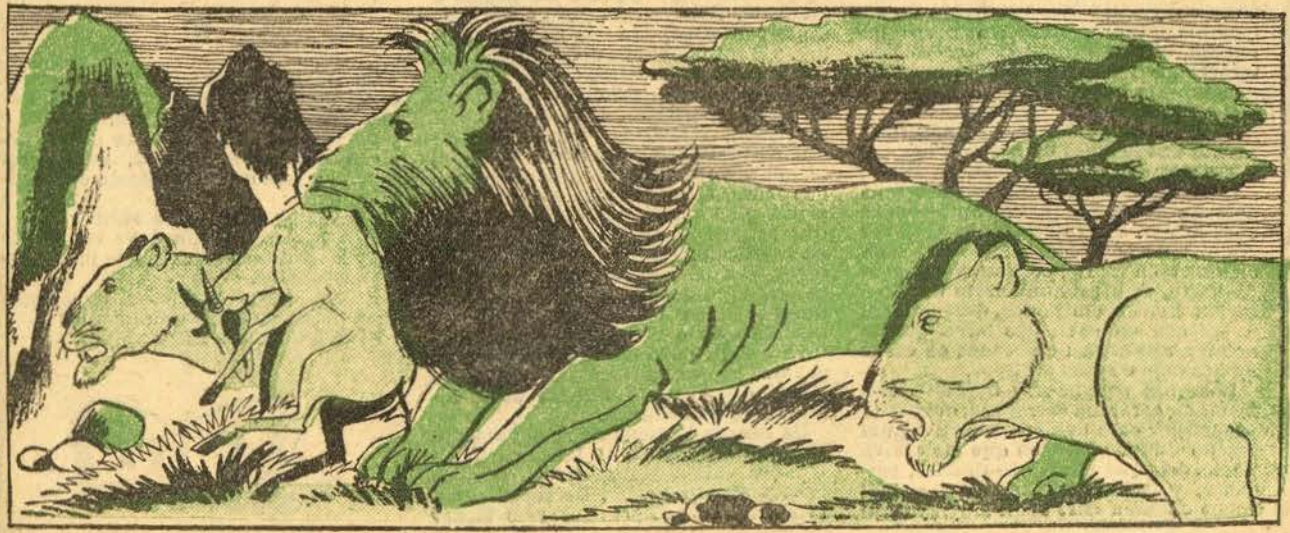
Para a imaginação exaltada de John

Murray, a montanha surgia-lhe como a mais bela aventura da sua vida de valente caçador!!!

Era absolutamente necessário subir à montanha. Imediatamente se organizou a partida, que se efectuou às quatro horas da tarde.

Galopando velozmente, às nove horas da noite, já haviam vencido a distância de 30 milhas.

Chegados a duas milhas da Montanha dos Leões, desceram dos cavalos e prepararam a maneira mais simples para passar a noite.





Não acenderam fogo algum, porque Mokum não queria atrair a atenção dos leões, que desejava combater em pleno dia, evitando, assim, um ataque nocturno.

Durante essa noite os rugidos das feras ouviam-se incessantemente.

E em plena escuridão que os temíveis e formidáveis carnívoros abandonam os seus covis e partem em busca de alimento.

Nenhum dos caçadores conseguiu pregar olho e o «bushman» aproveitou a insónia para lhes dar os seguintes conselhos:

— «Senhores — (exclamou, em tom perfeitamente calmo) — feremos, amanhã, que afrontar um bando de leões de juba negra, os mais ferozes e os mais perigosos. É preciso que nos preparemos. Cuidado com o primeiro ataque destes animais, cujo salto pode alcançar de dezasseis a vinte passos. Escapando-lhes o primeiro golpe, raras vezes o repetem. Falo-lhes por experiência própria.

É na altura deles entrarem nos covis que nós os atacaremos. Recomendando-lhes que meçam bem as distâncias antes de disparar. Deixai o animal aproximar-se e, depois, disparai dum golpe seguro.

Combateremos a pé, deixando atrás os cavalos. Sangue-frio e coragem, meus senhores!»

Os companheiros do «bushman» haviam escutado, silenciosamente, a sua recomendação. Às quatro horas da manhã, os nossos homens — (depois de terem amarrado os cavalos às árvores) — deixaram o seu poiso.

O dia ainda não rompera!
Algumas nuvens avermelhadas pairavam nas brumas de Leste.
A escuridão era completa.

O «bushman» recomendou aos seus companheiros que inspecionassem as suas armas. Era interessante observar aqueles homens, marchando talvez ao encontro da morte, com uma coragem de ferro, sem pronunciarem uma palavra! Dentro em pouco, descobriram a entrada do covil das feras, que se achava atulhada de bocados de carne de animais e ossos partidos.

Com um sangue-frio inaudito, Mokum, de carabina carregada, deixou-se escorregar para dentro do covil e, num rápido olhar, observou que ele estava vazio. As feras ainda não tinham, portanto, voltado. Rápidamente o «bushman» chamou «sir» John Murray e um

indígena, exclamando: — «Eu entendo que nós três devemos esperar os leões dentro do próprio covil. Não devem tardar. Têm coragem para me acompanhar?»

— «Mas, certamente!» — (respondeu «sir» John) — e, sem perda de tempo, os três homens penetraram no covil.

Era uma gruta profunda, cheia de carne ensanguentada e semeada de ossadas. Depois de terem visto, demoradamente, que estava absolutamente deserta, barricaram a entrada com grandes pedregulhos, que fizeram rolar até à entrada do covil. Este trabalho fez-se rapidamente, porque a entrada era bastante estreita.

Depois de tudo concluído, os três homens esperaram por detrás da barricada. Não esperaram muito. Pelas cinco e um quarto, um leão e duas leões enormes, magníficos, pararam a alguns passos do covil. O leão sacudia a sua formidável juba negra, baloiçando a belíssima cauda e trazendo, entre os dentes, um antilope inteiro, que sacudia como um gato faria a um rato. As duas leões, amarelas, acompanhavam-no, orgulhosamente, ladando-o.

«Sir» John Murray sentia o coração bater-lhe desordenadamente. Os olhos abriram-se-lhe mais do que é normal, a fronte cobriu-se-lhe de suor e tomou-o um medo convulsivo, ao qual se juntava uma espécie de pânico e angústia. Este estado, porém, foi passageiro e o sangue-frio de novo voltou. Quanto aos seus dois companheiros, estavam tão calmos como sempre.

Súbitamente, o leão e as leões apresentaram o perigo. À vista do covil barricado, recuaram. Menos de cinquenta passos os separavam. O macho soltou um rugido medonho e, seguido das leões, atirou-se para a entrada da gruta. Não pode descrever-se a cena que se passou. Os tiros saíam através da barricada, alguns acertando os seus alvos, outros não, enquanto as feras, já ensanguentadas, rugiam furiosamente, numa ferocidade incrível, à medida que o resto do bando se juntava a elas. Os possantes animais forçavam, agora, a barricada, mas as balas, certas, já tinham pôsto alguns fóra de combate.

Os nossos homens não esmoreciam. Um após outras, as balas partiam! O suor caía-lhes em gotas, mas os braços não paravam. De repente, porém, um caso imprevisível veio tornar

desesperada a situação dos três homens que se encontravam no covil: — Uma das buchas das armas de fogo, caída no meio dos troncos secos, havia-os incendiado. De súbito, as chamas, ateadas pelo vento, elevaram-se entre os homens e as feras. Os leões recuaram... Os caçadores não se podiam demorar mais no covil, porque sufocariam com facilidade. Não havia que hesitar.

— «Para fóra, para fóra!...» — gritava o «bushman» quase sufocado.

A barricada foi desfelta rapidamente e os caçadores precipitaram-se para fóra, num turbilhão de fumo!

As feras, rapidamente, caíram sobre eles. Foi uma luta terrível! A distância, os companheiros, apavorados, não tentavam disparar, com receio de acertar nos seus companheiros.

De súbito, porém, uma bala partiu, e a leão que atacava o «bushman», rolou por terra. Mais encarniçadamente o leão se lançou a «sir» John Murray, quando, num tiro certo, Mokum o pôs fóra de combate. Dentro em pouco, as três feras jaziam, enquanto as outras se punham em fuga, aterrorizadas pelos tiros certeiros dos bravos atiradores.

Foi o dia mais memorável dos nossos bravos homens, a pesar de outras várias peripécias emocionantes terem surgido, sem conta, durante a expedição.



Os trabalhos astronómicos estavam concluídos e, dentro em pouco, deviam regressar a Inglaterra.

Porém, no momento da despedida do nosso bravo Mokum, «sir» John Murray exclamou abraçando-o, comovidamente:

— «Adeus, não! Até à volta!»

E o projecto duma nova expedição surgiu naquele emocionante momento de despedidas.

E nós, meus meninos, despedimo-nos deles, dizendo, igualmente:

— «Adeus, não! Até à volta.»



ARREPENDIMENTO

◆◆ INFANTIL ◆◆

O pai da Julinha era um rico proprietário na nossa África, que, de regresso à Metrópole, trouxe um velho negro que lhe era muito dedicado. O preto chamava-se Afonso. O pai da Julinha constituiu família e, quando a Julinha nasceu, confiou-a à vigilância do negro, que a acarinhava com os maiores extremos. Mas a Julinha, muito meiga em pequenina, tornou-se má para toda a gente e, em especial, para o desditoso Afonso, que sofria, em silêncio e resignado, as maldades da pequena.

Como o pai da Julinha lhe comprara um carro para ela passear, um dia lembrou-se de ir dar um passeio a um extenso pinhal, que o pai possuía muito longe da povoação. E foi.

Quando ali chegou apiou-se e embrenhou-se pela floresta, seguida pelo Afonso, seu guia e guarda vigilante.

Adiante, encontraram uma corda, que alguém ali esquecera e cujo achado despertou no espirito da pequena uma ideia diabólica:

Lembrou-se de prender o velho a uma árvore e abandoná-lo no meio da floresta.

Então, simulando uma brincadeira, mandou encostar o Afonso a um pinheiro e, a pouco e pouco, foi-lhe enrolando a corda em volta do corpo magro, amarrando-o solidamente à árvore.

O velho ria, contente, com o que julgava uma brincadeira, mas ao ver a Julinha afastar-se para longe, compreendeu que estava prisioneiro e à mercê da voracidade dos lobos, que abundavam na região.

Entretanto, os lábios que tantas vezes haviam proferido palavras repassadas de ternura para acalentar a ingrata menina, pronunciaram umas breves palavras a implorar piedade.

Porém, nem as lágrimas nem as súplicas do velho moveram o coração da Julinha.

Impávida, seguiu para a frente, sem olhar para trás.

O negro acabou por se convencer que, se não fôsse comido pelos lobos, morreria à mingua de pão.

Mas, a pesar de tudo, olhava com ternura a silhueta adorável que se ia afastando por entre o arvoredo.

Em breve, porém, pare-



ceu-lhe ouvir gritos aflitivos, pedindo socorro.

Estremeceu o coração do negro, com medo que tivesse acontecido algum mal à sua filha, e, prestando toda a sua força auditiva aos ecos da floresta, adquiriu a convicção de que a Julinha precisava do seu auxilio.

No entretanto, os gritos continuavam mais angustiosos, e ele, manietado, não sabia o que fazer.

Numa contracção nervosa, sentindo que lhe voltava o vigor da mocidade, retesou os músculos com energia e, num supremo esforço, conseguiu partir as cordas que o envolviam.

Então, como se tivesse asas nos pés, correu veloz para o lado onde os gritos se faziam ouvir, cada vez mais angustiosos.

— «Julinha!!... — (gritou ele com toda a força dos seus pulmões) — Eu aí vou já!!»

A uns duzentos metros de distância, esperava-o um quadro impressionante:

A Julinha estava sendo atacada por um malfetor, que tentava roubar-lhe das orelhas uns brincos de alto preço.

O negro, de olhar cintilante, sentia latejar-lhe nas veias o sangue selvagem que herdara dos seus avós; e, afirmando-se ao bandido, como se o animasse o fogo da juventude, manietou-lhe os movimentos e arremessou-o para longe.

Ainda mal refeita do susto, a Julinha olhava o seu salvador, sublime de heroicidade, que se dirigia para ela de

olhar suplicante, talvez com receio de lhe ter desagradado.

Ao ver a atitude do negro, sentiu a Julinha, pela primeira vez na sua vida, o remorso de haver praticado uma má acção.

Chegou-se junto do velho, com as faces rubras de vergonha e os olhos rasos de lágrimas e deixou-se cair de joelhos, com as mãos erguidas, para lhe pedir perdão.

— «Arriscaste a vida para salvar quem tanto mal te queria fazer! — (disse ela soluçante) — Perdoa-me!»

— «Julinha — (respondeu-lhe o Afonso com a voz trémula pela comocção) — o seu pai morreria de dor se acontecesse algum mal à sua filha-nha...»

E o velho negro deixava transparecer no rosto o sublime sentimento da gratidão.

Não esquecia que fôra escravo, e que devia ao pai da Julinha a liberdade e o bem-estar que gozava na velhice.

A Julinha ouvia-o com admiração. As nobres palavras do servo e a sua acção tão nobilitante, tiveram o poder de transformar a alma perversa da Julinha, numa alma de eleição.

Sentiu no coração, tão insensível até ali, o divino sentimento do Bem e da Caridade.

E, daquele dia em diante, via-se passar a Julinha, acompanhada pelo negro, a distribuir o óbulo da caridade pelos lares desprovidos de pão.

Maria de Alpiarça



A DIVINHA



(Solução da publicada no n.º 737)

A ANEDOTA

Conta-se do actual rei de Inglaterra, Jorge VI, quando era criança, a seguinte anedota:

Estando um dia, a almoçar com seus pais e seu avô, o rei Eduardo VII, tentou o pequenino príncipe por vezes, chamar a atenção d'este último.

O avô, porém, não o deixou falar, observando-lhe que guardasse o que tinha a dizer para quando o almoço estivesse terminado.

Chegada a ocasião, perguntou-lhe próprio ao neto:

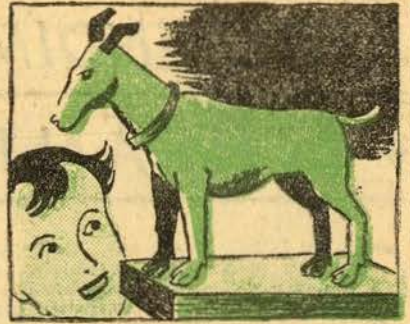
— «Então, o que era que desejavas dizer-me?»
 — «Ah! agora já não tem importância, avôzinho. Ia dizer-lhe que havia uma lagarta na sua salada, mas o avô já a comeu!»

ACRÓSTICO

(Solução do anterior, publicado no n.º 737).

- Pato
- Canário
- Melro
- Papagalo
- Pardal
- Môcho
- Piriquito
- Cuco
- Pomba

«BOBBY»



— «**A** VÓZINHO, conta-nos a história do «Bobby»?»
 Agarrando entre as mãos a cabeça dos pequenitos que acabavam de se sentar nos seus joelhos e depois de sorrir para sua mulher, o avô come-

cou:
 — «Pois bem, seja! Vocês vêem agora o que resta d'ele?»

Uma carcassa empalhada; contudo, esse animal encarnava uma parte da minha vida.

Eu era novo nessa época e acabava de partir para uma terreola da Normandia, para a abertura da caça, com a intenção formal de combater, pela fadiga física, o cansaço do meu cérebro.

Tinha comigo o meu fiel «Bobby», que não me deixava os calcanhares, seguindo-me por toda a parte.

A caça era rara, devido à seca, que havia sido enorme; porém, desde a alva até à tarde, tínhamos sempre a esperança de queimar alguns cartuchos.

Uma tarde em que, com um encarniçamento obstinado, estava teimoso

em perseguir perdigotos, logo que os visse sair do ninho, detive-me, fatigado, na orla dum bosque, a fumar o meu cachimbo.

Embalado pela fadiga, deixei ivre e curso da minha meditação, contemplando as planícies que se estendiam diante de mim, cortadas, aqui e ali, por ramos de árvores.

Subitamente, o «Bobby», que estava deitado aos meus pés, endireitou as orelhas e levantou o focinho.

— «Que há, meu velho?» — disse-lhe eu em voz baixa.

Ele olhou-me e, dum salto, pôs-se em pé, avançando com precaução.

Segui-o com a vista, pronto a disparar, quando uma voz feminina feriu o meu ouvido:

— «Oh! que lindo cão!»

Levantando-me por minha vez, descobri, a alguns passos, uma jovem que pintava uma aguarela.

Ao meu cumprimento, respondeu com um sorriso, afagando a cabeça de «Bobby», que agitava a cauda e dava pequenos latidos de satisfação.

Sem timidez, a jovem dirigiu a palavra ao animal:

— «Como te chamas tu, lindo animal?»

O animal, muito contente, ladrava,

andando à roda, agitando-se e pondo em risco o cavalete, que esteve quasi a atirar ao chão; em seguida, aproximou-me, entabulando conversação:

— «Chama-se «Bobby»; é um bonito animal, mas um pouco doido por vezes!»

E, como eu levantasse a mão para o acariciar, o pobre cão correu a deitar-se aos meus pés.

— «De que raça é?» — perguntou a jovem senhora.

— «É um setter Gordon!»

Então, soltando um «ah!», não acrescentou mais nada, mas eu vi que num pedaço de papel ela esboçava a sua silhueta.

Adivinhando o seu pensamento, puz o cão em posição, de maneira que não se mexesse e permitisse à pintora continuar o seu esboço.

— «Obrigado, senhor!» disse-me ela quando acabou.

Em seguida, arrumando a sua pequena bagagem, desapareceu rapidamente.



No dia seguinte, voltei ao mesmo sítio. A jovem já lá estava instalada.

O cão correu para ela que se levantou para me estender a mão; conversámos por algum tempo e, no momento em que nos despedimos, eramos já bons amigos. Ele disse-me chamar-se «Yolanda»; e que vivia no castelo próximo com o pai, e que este, um caçador furioso, passava três meses do ano no campo.

— «Com certeza que acontecerá encontrarmos-nos qualquer dia, porque eu também adoro esse desporto.»

— «Isso ser-me-á muitíssimo agradável.» — (respondeu Yolanda) — porém, meu pai é terrível quando encontra um intruso nas suas terras.»

Vários dias, uns após outros, nos

(Continua na página 6)

CORRESPONDENCIA



Fernandinha do O' — O teu pedido não caiu em saco roto. Brevemente será satisfeito. O nosso desejo é agradar-te e a todos os leitores do suplemento.

Juca-Joca — Tem paciência... Tenta outro género mais compatível com os teus recursos... literários.

Manuela Martins Franco — Graciete Branco agradece-te a tua amável cartinha e a ela responderá brevemente.

Luizinha Rodrigues — Brevemente publicaremos as pa-

lavras cruzadas e voltaremos à antiga secção de adivinhas e charadas.

M. A. P. V. — O teu conto não pode ser publicado por ser demasiado triste e... tristezas não pagam dívidas.

Marla de Alenquer — A construção que nos pedes é impúblicável porque ocuparia muito espaço. Sugere-nos outra de mais fácil execução e serás atendida.

Ricardo Teixeira — O desenho está fraquinho. Cresce e... aparece.

Rosa Linda — Se os contos forem tão lindos como o teu nome, serão publicados. Só à vista deles te poderemos dizer, com a franqueza que usamos sempre.

Vosso muito amiguinho

TIO PAULO.

“LOHENGRIN” FAZ A GREVE DA FOME!

EU comandava o posto de N'Djolé, no Gabão. Este posto é situado numa região extremamente revestida de madeira e infestada de gorilas.

Sabe-se que, de todos os quadrumanos, o gorila é o macaco que se parece mais com o homem, sob o ponto de vista estrutural: os mesmos ossos, a mesma forma, o mesmo número de costelas. Os braços, as mãos, a bacia, as pernas, as tíbias, tudo se parece. Somente a estatura deste macaco é muito mais curta do que a do homem. Da bacia à planta dos pés, a distância, no gorila, é menos de metade.

Um dia, disse que gostava de possuir, vivo, um desses animais.

— «Capitão querer um gorila?» — (dis-

se-me o sargento indígena, Diégou.) — Capitão dar licença para mim acompanhar cinco «laptots» (atiradores indígenas) e mim trazer vil animal.»

— «Não somente te dou licença — (exclamei) — mas até te acompanho.»

— «Então, se capitão querer, começemos amanhã. Ocasião muito boa.»

— «Porque motivo é agora a ocasião boa?»

— «Porque há frutos muito bons; gorila gostar muito de frutos. Então gorila demorar-se a comer e gente aproximar dêle.»

Rendi-me a esta razão; e, logo no dia seguinte, fomos à caça.

A floresta era sombria e espessa; deslizávamos por ela sem ruído. Desde pela manhã até cerca do meio-dia, erramos sem encontrar nada, quando, de repente, o silêncio impressionante que nos cercava foi perturbado por um grito penetrante.

— «Que bom!» — disse Diégou. — Mim conhecer grito de gorila pequeno. Macaco pequeno muito mais fácil apanhar que velho.»

O mesmo grito fez-se ouvir, um instante depois:



— «É por ali!» — prosseguiu o sargento, que tinha marcado perfeitamente a direcção.

Com a espingarda na mão, penetramos na parte mais densa do bosque, que era donde tinham partido os gritos. Certos indícios, que não me teriam atraído a atenção, gujavam, duma maneira precisa, os meus indígenas, e tanto assim que, ao fim de alguns minutos duma marcha, durante a qual tomamos todas as precauções possíveis para não fazer ruído, desem-

bocamos numa clareira, onde um espectáculo verdadeiramente familiar nos esperava.

Um pequeno gorila deleitava-se com um cacho de bananas que tinha diante dêle. A alguns passos, a mãe fazia outro tanto, vigiando-o e espiando o perigo habitual, personificado pelo gato-tigre.

Eu não era dotado da mesma habilidade dos meus atiradores, para rastejar por entre os montões de cipós e ramos. Eu fazia mexer desastrada-

mente a folhagem. O ruído confuso das folhas deu alarme à mãe, que chamou o filho para fugirem. Por culpa minha, ia-se perder a ocasião de se capturar o animal que tanto desejava possuir. Sou bom atirador, felizmente. Tinha entre as mãos uma excelente carabina «Winchester». Vi-sei a fêmea; ferida mortalmente, caiu, com a cabeça contra o solo. Ao barulho da detonação, o filho, assustado,

(Continua na página 7)





(Continuado da página 4)

encontrámos, mantendo uma conversa amistosa, até que lhe pedi permissão para a visitar, a-fim de admirar a colecção dos retratos do «Bobby», que já estavam prontos.

O que devia acontecer, aconteceu; quando eu atravessava correctamente os prados do meu vizinho, com os canos da espingarda descarregados e voltados para o chão, ouvi um tiro bastante longe e, pouco depois, um perdigoto veio cair muito perto de mim, numa moita de silvas coberta de arvoredo, inextricável.

«Bobby» precipitou-se logo.

— «Vai e traze!» — gritei-lhe eu.

Após uma busca bastante laboriosa, o meu cão trouxe-me a caça; quando me baixava para a apanhar, a mão dum guarda polsou no meu ombro.

— «Em nome da lei, está preso!»

Como o visse a puxar pela caderneta para me autoar e não querendo ouvir nada, entendi que o melhor era ir entender-me com o castelão.

O guarda apresentou-me, em segui-

da, não me dando tempo a falar; pela minha parte, ante uma tal atitude, sucumbi, ficando sem ânimo para dar as minhas explicações.

Nisto, ouviu-se uma alegre gargalhada, seguida dum pequeno «tac» muito seco, o que fez deter a cena. Era Yolanda que acabava de me fotografar.

— «Realmente, você estava impagável, assim, nessa atitude, sr. Paulo!» — exclamou ela.

O castelão voltou-se com um olhar interrogador.

— «Na verdade — (disse a rapariga) — reservaram a este senhor, que vinha visitar-me, um lindo acolhimento!»

Sossegado com esta intervenção, o pai de Yolanda convidou-me a descansar; entabulou-se conversação e, a tarde, ele próprio me acompanhou pelo caminho. Com a ajuda de «Bobby», fui bem sucedido nos tiros que disparei e, antes de o deixar, ofereci-lhe as minhas vítimas, o que ele recusou:

— «Não; não fui eu que as matei — (disse-me ele) — mas deixe-me fel-

citá-lo pelo cão que possui. Que belo animal e que raro ele tem!...»

— «Está ao seu dispor...» — respondi eu —; e assim nos separamos, com um cordeal aperto de mão.

Passei, devido a «Bobby», férias deliciosas; e foi esse pobre animal, sem o saber, meus queridos netinhos, a causa da minha felicidade.

No ano seguinte, caeci no mesmo sítio, com meu sogro e Yolanda — minha mulher já, então — que nos acompanhava. A vossa avó, aqui presente, tornou-se, em breve, uma atradora de primeira ordem.

Depois, os anos passaram... Envelhecemos e o pobre «Bobby» morreu; quis conservar sempre a sua lembrança. E, meus queridos, quando nós também partirmos, não desprezem a sua pele, peço-lhes, porque ela personifica toda uma história.

Vejam como os seus olhos de vidro nos olham; — parece que me ouviu.

Trad. AMÉLIA FERREIRA



Austrália

Sydney

O PAIS DOS COMILÕES DE CARNE: — Carneiros e coelhos abundam na Austrália. Os carneiros são uma das principais riquezas do país; os coelhos, ao contrário, causam a sua ruína.

Porém, carneiros e coelhos são igualmente comestíveis. E é talvez por isso que o australiano é o maior comilão de carne em todo o mundo.

! Consome cento e vinte e um quilogramas de carne cada ano; enquanto que o Americano apenas come sessenta e nove; o Inglês sessenta; o saude,

francês trinta e sete; o dinamarquês trinta e quatro; o belga vinte e sete; o suíço vinte e cinco; o alemão de-zassete — depois da guerra — porque em 1913, o consumo da carne, na Alemanha, era



anualmente de quarenta e cinco quilos por cabeça.

Conquanto pese muito aos vegetarianos, o australiano passa perfeitamente bem, de



Noruega

Bergen

UMA BELA PESCA: — Bergen é um dos portos de pesca mais activos do mundo.

As traineiras de Bergen irradiam sobre todo o mar do Norte. Alguns dos seus navios correm os Oceanos à procura das baleias e dos cachalotes; outros pescam as sardinhas nas costas de Marrocos.

O povo de Bergen sabe, portanto, o que é uma boa pesca. O regresso da traineira «Harald», há tempos, causou uma verdadeira sensação: o «Harald», trouxe cento e de-zassete mil sardas, pescadas numa só noite!

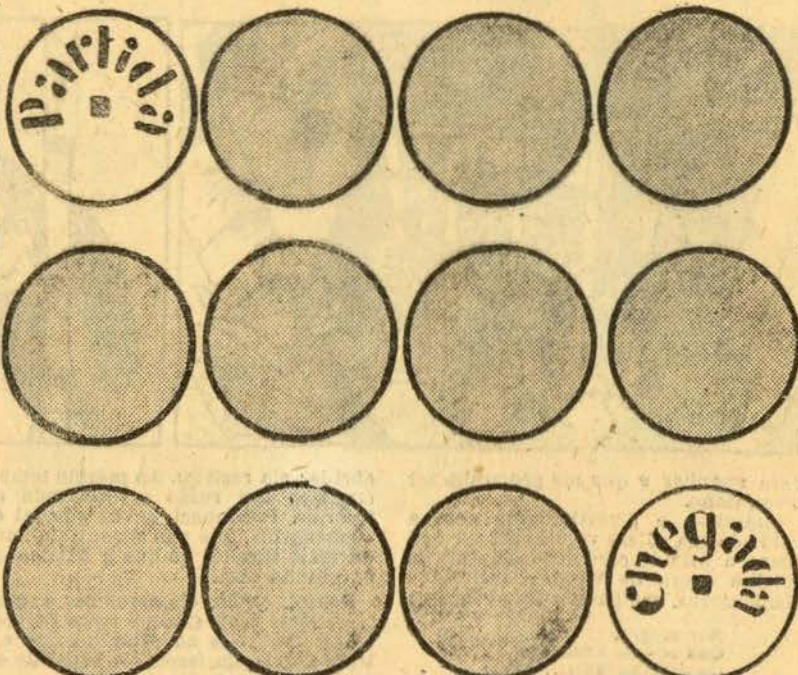
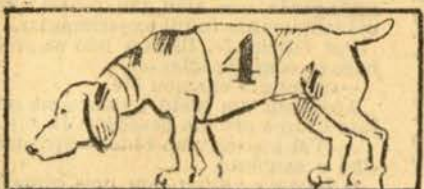
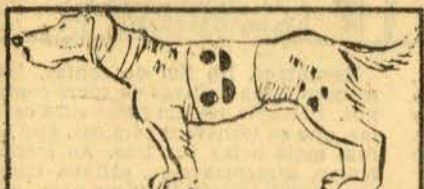
O seu patrão afirmou que, de uma só vez, a rede apanhou vários milhares de peixes.

Uma verdadeira pesca milagrosa, que foi logo transportada para as fábricas próximas, para aí ser seca, fumada e salgada.

A N E D O T A

A criada: — «Menino Raul, se torna a bater no seu mano, não come doce ao lanche!»

Raul: — «Está bem! Então só lhe bato quando me doerem outra vez os dentes.»



CAÇADA A' PERDIZ

Jogo Infantil ■ Instruções

NESTE jogo podem tomar parte, de duas a cinco pessoas, e é conveniente jogá-lo formando um bôlo com tentos.

Colocam-se doze ou mais das rodela de cartão numa fila ao longo da mesa, a alguma distância umas das outras, conforme o espaço de que se disponha.

Coloca-se a perdiz ao lado da quinta rodela, a contar da extremidade escolhida como ponto de partida, e os cães em linha, junto desta.

O primeiro jogador lança um dado e faz avançar o cão cujo número corresponde ao lanço, para a rodela imediata, assim fazendo todos os jogadores sucessivamente. As rodela não se tapam e os cães que estejam ocupando o mesmo ponto da caçada, devem ser colocados lado a lado.

Caso saia um seis, nenhum cão se move; a perdiz é que avança uma rodela para diante.

O jogador cujo cão alcançar pri-

meiro a perdiz é quem ganha, e, neste caso, coloca o cão sobre a perdiz e apanha o bôlo.

Se a perdiz chegar ao fim da corrida sem ser apanhada, o bôlo fica na mesa para se juntar ao da corrida seguinte.

Quando estiverem jogando menos de cinco pessoas, é preferível que algumas tomem para si mais de um cão (acrescentando um tento a mais ao bôlo, por cada um) para que todos os cães possam estar em exercício. Doutra forma, nenhum jogo se faria quando o lanço indicasse um cão cujo número tivesse ficado de fora.

Podem prolongar-se a caçada, querendo, aumentando a porção de rodela, mas isto só se pode fazer antes de começar a jogar.

Colem o jogo todo em cartão forte. Depois de seco, podem colorir as várias peças e recortá-las.

(Adaptação)

«LOHENGRIN» faz a guerra da fome!

(Continuação da página 6)

atirou-se para cima dela e ocultou-lhe o focinho no corpo. Mas, quando nos aproximámos para o agarrar, o pequeno macaco fez-nos uma careta horrível e, todo sujo de sangue, atirou-se para cima duma árvore próxima, ao cimo da qual chegou rapidamente.

— «Fizemos um lindo serviço, não haja dúvida!—(disse eu a Diégou...)— Mas os teus homens são ágeis... Talvez um deles consiga trepar até lá.»

— «O pequeno gorila saltou para cima doutros ramos!—(respondeu-me o sargento.)— E depois, é capaz de arranhar, morder e fazer muito mal.»

— «Seja!—(disse eu, verdadeiramente despeitado.)— Renuncio, então, a agarrá-lo vivo. Vou abatê-lo com um tiro de espingarda.»

— «Não valer a pena —(retorquiu Dié-

gou.)— capitão deixar fazer atiradores.»

Estes começaram a atacar a árvore a golpes de machado; e o macaco, apesar de toda a sua astúcia, não calculava a aventura que lhe ia acontecer.

De facto, quando a árvore caiu em terra, um dos meus homens lançou-lhe a veste sobre a cabeça. Um outro, aproveitando a sua cegueira, agarrou-o. Foram precisos alguns outros para lhe conter os movimentos de raiva. Apesar de ser muito novo, era dum vigor espantoso. Debatia-se, tendo chegado a morder ferozmente a mão a um dos atiradores e a perna a outro.

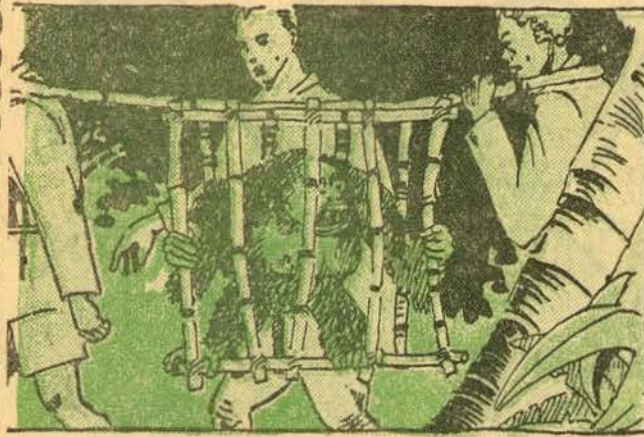
Enfim, conseguiram prendê-lo e levá-lo para o posto, atado sobre um andor feito de bambús.

Durante todo o trajecto, não cessou

de gritar e de vociferar. Os seus olhos, que tinham uma expressão humana, lançavam olhares ferozes.

Atiraram-no, ligado, para uma gaiola, feita também com grossos bambús, presos com uma arte e uma solidez, de que só os indígenas têm o segredo. Depois, com a ajuda dum instrumento cortante, fixo no extremo duma longa vara, desembarçaram-no dos laços que o prendiam. Foram preciso prodígios de habilidade para chegar ao fim desta operação sem molestar muito a pele.

Logo que se viu liberto, manifestou de novo o seu furor, pelos movimentos mais extravagantes e pelos gritos mais agudos. Precipitava-se contra as estacas, ameaçando todos com gestos, e a mim, particularmente, como se adivinhasse que fora eu quem o man-



dara apanhar e que me propunha ser o seu dono.

Fitando-o e divertindo-me com o ruído da sua cólera vã, não sei por que acaso, a ária do côro dos esponsais da célebre ópera de Wagner, intitulada «Lohengrin», me passou pelo espírito:

*Par alegre,
Que nossos adeuses
Os acompanhem... etc...*

— «Macaco estúpido — (disse eu) — tu não tens ainda nome. Pois bem! eu te baptizo «Lohengrin».

Devo dizer, com verdade, que a atribuição desse nome heroico pareceu deixá-lo completamente insensível.

Tendo resolvido domesticá-lo, puz-me à obra logo nos dias seguintes. Trabalho perdido. Tentei aproximar-me da sua gaiola, com gestos insinuantes, falar-lhe, dando a minha voz as mais doces inflexões: assim que lá cheguei, ele agachou-se no sítio mais afastado, olhando-me, todavia, pelo canto do olho, com um ar sonso e rancoroso, fazendo, a seguir, o gesto de se querer lançar a mim; e se eu, apesar disso, tentasse ficar junto da gaiola, as suas patas, que ele passava através das estacas, forçavam-me a afastar. Um belo dia, despedaçou as minhas calças e levou um bocadinho para o fundo da gaiola como um troféu. Nos seus olhos pardos apareceram clarões triunfantes.

Tentei domesticá-lo pela gulodice. Todas as manhãs, um fachaia ia ao bosque colher frutos, apanhar ervas, e, principalmente, grãos de que ele era mais guloso. No começo, aceitou de boa mente a alimentação que lhe levavam. Porém, recuava-se sempre a tomar as refeições diante de testemunhas. Só comia quando não havia nenhum espectador e, sobretudo, de noite. Em todo o caso não manifestava nenhum reconhecimento àqueles que o aprovisionavam. Pelo contrário, tornava-se cada vez pior.

Isto durou assim quinze dias. E, na manhã do décimo sexto, encontraram a gaiola vazia. «Lohengrin» tinha arrancado duas estacas e fugira.

Para onde teria ele ido? Para a floresta, provavelmente. Correr atrás dele e tornar a apanhá-lo, seria uma coisa absolutamente impossível.

Contudo, tendo constatado pelos traços ainda frescos dos seus passos, que a sua fuga era muito recente, resolvi ir, ao acaso, dar uma volta pelo bosque, à sua procura. Voltei, então, a minha barraca para ir buscar a carabina. Qual não foi a minha estupefação, encontrando fechada a porta, que eu deixara entre-aberta, quando me participaram a notícia da evasão! Quiz

abri-la; ela resistiu. Ao mesmo tempo, ouviu-se um ruído surdo vindo do interior. Reconheci a voz amável de «Lohengrin», que não encontrara nada de mais simples do que ir barricar-se em minha casa.

Pensei, então, em arrombar a porta. — «Nesse caso, (faz-me notar Diégou) ele ir lançar-se ao primeiro que entrar. Ele, assim feroz, ser capaz de estrangular um homem.»

Não me podia expor, nem nenhum dos atradores a uma semelhante aventura. Estava, pois, perplexo. Não viam pela janela, o animal no interior. Não se podia disparar de cima.

Ah! se eu tivesse gazes asfixiantes! Mas não tinha. Iria por ventura ser obrigado a deitar fogo à minha casa? Pensava nisso, quando um bombardeamento, duma intensidade formidável, caiu de repente sobre nós. Todo o meu mobiliário nos veio cair em cima da cabeça. Ele levava para o telhado tudo o que pudera; e, de lá atirava projecteis dum novo género.

ADIVINHA



Encontram-se neste saco trezentas meias brancas, e quatrocentas meias pretas. Vejam os leitores se são capazes de dizer qual o número de meias que se têm que tirar do saco para se ter a certeza de que temos na mão, um par de meias da mesma cor?

Recuámos. No fim de contas, este macaco tinha motivos de sóbra contra nós. Percebia-se bem pelas suas carêtas, que se tornavam cómicas, sem serem mais belas por isso. Ao mesmo tempo, saracoteava-se, saltava incensantemente. Como alcançar com uma espingarda um alvo tão móvel? Era evidentemente inútil experimentar.

Por felicidade, Diégou não se preocupava com expedientes.

— «Samba?» chamou êle.

Apareceu um preto. Lembro-me que este último era um pescador da costa.

— «Vai buscar uma rede.» — ordenou-lhe o sargento.

O homem voltou com dois camaradas, que o ajudavam a trazer uma imensa rede do mar. Com uma habilidade e um vigor notáveis, lançaram-na sobre o gorila que, no primeiro momento, ficou tão bem enrolado e tão bem apanhado, que se deixou cair. Quando, um instante depois, quiz debater-se, era tarde demais. Começou a soltar os seus úivos habituais. Eu tinha-o agarrado pela nuca. Dois homens agarraram-no pelos braços, dois outros pelas pernas. Porém, antes de o fazer reentrar na gaiola, passaram-lhe uma forte coleira de ferro à roda do pescoço. Uma corrente que lhe estava ligada, fôra presa a uma pequena estaca profundamente enterrada no solo.

Ele tentou arrancá-la. Porém, quando se persuadiu que os seus esforços seriam inúteis, resignou-se. Não gesticulou mais, nem mais gritou. Quando passavam diante da sua gaiola, êle olhava todos com um ar indiferente. Só, não tocava no alimento. Regietava até as bananas de que os animais da sua espécie muito gostam.

«Lohengrin», fazia a greve da fome. Todavia, era preciso não o deixar morrer. Diégou teve ainda uma ideia:

— «Mim ir buscar companheiro a Lohengrin», disse êle.

E dirigiu-se à floresta, onde foi bastante feliz por poder apanhar um outro gorila.

Puseram-no na mesma gaiola de Lohengrin.

— «Como irá êle acolhê-lo?» perguntava eu a mim mesmo, bastante perplexo.

Como tivemos o cuidado de munir o recém-vindo com um cacho de bananas bem frescas, foi bem recebido. Partilharam-nas como irmãos, e davam juntos mil saltos. «Lohengrin» esquecera completamente os seus funestos propósitos, e aqueles dois animais tornaram-se os melhores amigos do mundo.

Trad. de Amélia Ferreira